

Reflexões acerca de sequências verbais da língua Apyãwa Reflections on verbal sequences in the Apyãwa language

Gabriela Santiago Mancin 

Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: Investigam-se sequências verbais da língua Apyãwa que se apresentam sob a estrutura PESSOA-V₁-V₂, sendo V₁ qualquer verbo lexical, e pertencendo V₂ a um seletivo grupo de verbos que geralmente manifestam semântica de aspecto ou modalidade. Selecionaram-se os verbos mais produtivos: *kwããw* 'saber, conhecer'; *patãr* 'querer, desejar'; *pãw* 'acabar, terminar'; e *kãto* 'ser bonito, ser bom'. Devido à pandemia de Covid-19, não foi possível realizar trabalho de campo; por isso, os dados, em sua maioria, foram extraídos de Praça (2007). Analisou-se a estrutura em cada verbo eleito para este estudo, destacando-se suas principais características: ambos os verbos da sequência serem verbos plenos e as sequências formarem construções mono-oracionais. Tais características apresentadas ora aproximam a estrutura de construções verbais seriais, ora a distanciam delas. O mesmo acontece quando se intenta classificar V₂ como um auxiliar. Assim, propõe-se outra análise em que, para os verbos transitivos – *kwããw* 'saber, conhecer' e *patãr* 'querer, desejar' –, ocorre a incorporação do objeto oracional relativo a V₁ por V₂, e que, no caso dos verbos intransitivos – *pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom' –, estes tornam-se modificadores de V₁.

Palavras-chave: Apyãwa. Sequências verbais. Verbos seriais. Verbos auxiliares. Modificadores.

Abstract: This article investigates verbal sequences in the Apyãwa language that follow the PERSON-V₁-V₂ structure, where V₁ is any lexical verb and V₂ belongs to a select group of verbs that generally convey aspect or modality. We selected the most productive verbs, namely *kwããw* [know], *patãr* [want, to wish], *pãw*, [end, finish], and *kãto* [be fine, be good]. As the Covid-19 pandemic precluded field work, the data were mostly drawn from the work of Praça (2007). We analyse PERSON-V₁-V₂ verbal sequences for each verb, emphasising their main characteristics: both verbs in each sequence being full-fledged verbs and the sequences forming single-clause constructions. These are sometimes close to serial verbal constructions and sometimes distant; attempting to classify V₂ as an auxiliary verb is also problematic. We consequently propose a different analytical approach. For the transitive verbs, *kwããw* [to know] and *patãr* [to want, to wish], the clause object related to V₁ is incorporated by V₂. In the case of the intransitive verbs, *pãw* [to end, to finish] and *kãto* [to be fine, to be good], we observe that they become modifiers of V₁.

Keywords: Apyãwa. Verbal sequences. Serial verbs. Auxiliary verbs. Modifiers.

Santiago Mancin, G. (2023). Reflexões acerca de sequências verbais da língua Apyãwa. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 18(3), e20220075. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0075.

Autora para correspondência: Gabriela Santiago Mancin. Universidade de Brasília. Campus Darcy Ribeiro, Mezanino - ICC Sul. Brasília, DF, Brasil. CEP 722947-400 (gabymancin@gmail.com).

Recebido em 12/10/2022

Aprovado em 19/06/2023

Responsabilidade editorial: Adam Singerman



INTRODUÇÃO

Em várias línguas Tupí-Guaraní, manifestam-se construções com sequências verbais sob a estrutura PESSOA + V_1 + V_2 . Para o verbo que ocupa a posição V_1 , não há qualquer restrição semântica ou de estrutura argumental; a posição V_2 , por sua vez, é ocupada por um seletor grupo de verbos que geralmente manifestam semântica aspectual ou de modalidade. Essa construção já podia ser encontrada no Tupinambá, como pode ser observado no exemplo a seguir:

(Barbosa, 1956, p. 148, nossa análise)

- (1) **a-karu-potar**
1sg-comer-querer
'Quero comer.'

No exemplo 1, a posição V_1 é ocupada pelo verbo *karu* 'comer', e a posição V_2 , pelo verbo *potar* 'querer'.

De modo geral, o tema de sequências verbais em línguas da família Tupí-Guaraní ainda é pouco estudado, podendo-se encontrar referências a ele em: Jensen (1990), que, em sua proposta de reconstrução do Proto-Tupí-Guaraní, chama de verbos seriais as construções tradicionalmente conhecidas pela nomenclatura de 'gerúndio'¹; Drude (2011), que também trabalha com o chamado 'gerúndio' no Awetí; Rose (2009), que oferece análise da origem da serialização no Emerillon; Velázquez-Castillo (2004), que apresenta construções seriais no Guaraní paraguaio; Magalhães (2021), no Guajá, e Vieira e Baranger (2021), no Mbyá Guaraní, que, seguindo a classificação proposta por Aikhenvald (2006), apresentam proposta de enquadramento de certos verbos das respectivas línguas na classe de verbos seriais assimétricos; Dooley (1991), que também trabalha sequências verbais no Mbyá Guaraní; Cruz (2011, p. 429), que apresenta fenômeno similar do Nheengatú como uma incorporação verbal.

Dessa maneira, tem-se por objetivo neste artigo descrever e discutir tal fenômeno sintático da língua Apyãwa, uma das muitas pertencentes à família Tupí-Guaraní, no qual verbos se alinham em sequência – sem a ocorrência de qualquer elemento interferindo entre eles ou qualquer marca de dependência – e continuam a agir como um único predicado. Quatro verbos são os mais produtivos na posição V_2 : *kwããw* 'saber, conhecer'; *patãr* 'querer, desejar'; *pãw* 'acabar, terminar'; e *kãto* 'ser bom, ser bonito'.

Este texto está estruturado da seguinte forma. A primeira seção traz características morfofonológicas e sintáticas da língua Apyãwa importantes para a análise proposta. Na segunda seção, é apresentado o *continuum* da integração gramatical em construções multioracionais e seus reflexos na morfossintaxe Apyãwa. A terceira seção apresenta a sequência verbal PESSOA- V_1 - V_2 presente em Apyãwa. Em seguida, para cada verbo deste estudo, demonstram-se as características da sequência verbal PESSOA- V_1 - V_2 presentes neles. A próxima seção traz nossa proposta de análise da estrutura, de forma que, para os verbos transitivos, ocorre a incorporação do objeto oracional relativo a V_1 por V_2 e, para os verbos intransitivos, há uma extensão da semântica de V_2 para V_1 por meio de um paralelo com os compostos nominais com núcleo em primeira posição, nos quais V_1 é o núcleo e V_2 , o modificador.

¹ Para mais informações a respeito do gerúndio, ver Rodrigues (2013).

CARACTERÍSTICAS MORFOFONOLÓGICAS E SINTÁTICAS DA LÍNGUA APYÁWA

Os Apyáwa, tradicionalmente conhecidos por Tapirapé, habitam duas terras indígenas localizadas a nordeste do estado do Mato Grosso: a Terra Indígena (TI) Urubu Branco e a TI Tapirapé-Karajá (Paula, 2012). Segundo Rodrigues (1964), a língua Apyáwa pertence ao subgrupo IV da família Tupí-Guaraní, do tronco Tupí.

A presente seção aborda aspectos morfofonológicos e gramaticais da língua Apyáwa. A seguir, são apresentadas algumas regras morfofonêmicas de junção dos morfemas que serão necessárias para a análise proposta neste artigo sobre o tema das sequências verbais (Praça, 2007, p. 73):

- a) Ocorrência de somente um acento nos compostos, formando, assim, uma só palavra fonológica;
- b) Queda do sufixo referenciante {-a} e relacional em composições;
- c) Nasalização da consoante oclusiva bilabial surda /p/ após vogal nasal.

Como outras línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní, o Apyáwa possui quatro conjuntos de marcadores de pessoa, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Marcadores de pessoa do Apyáwa. Legendas: * = exceto na primeira pessoa do plural inclusiva; ** = caso haja correferência entre o possuidor do nome relativo na função de objeto e o sujeito da oração. Fonte: os dados foram retirados de Praça (2007), e a elaboração e consolidação da tabela são da autora do presente artigo.

		Série ativa (SA)	Série não ativa (NA)	Série correferencial (C)	Série de hierarquização (H)
Forma	1SG	ã-	xe	we~wex-	
	1PL EXC	ara-	are	ara~arax-	
	1PL INC	xi-	xane	xere~xerex-	
	2SG	ere-	ne	e~ex-	1SG ou 1EXC → 2SG: ara-*
	2PL	pe-	pe	pexe~pexex-	1SG → 2PL: ãpa-*
	3SG/PL	a-	i- ø- t- h-	a~w-	
Função		Os índices desta série são prefixos não acentuados e marcam o argumento com semântica agentiva. Só ocorrem com verbos ativos (transitivos ou intransitivos) e em orações principais, ou seja, não estão presentes em uma subordinação. Outra exceção é que nunca ocorrem quando o paciente for de primeira e segunda pessoas em relação a uma terceira pessoa. Neste caso, observa-se a hierarquia de pessoa.	Os índices desta série são, na maioria dos casos ² , clíticos não acentuados, com exceção dos da terceira pessoa. Podem estar presentes tanto em orações principais quanto em subordinadas. Caracterizam argumentos pacientes e só ocorrem com verbos descritivos.	Esta série de prefixos não acentuados pode ser verificada em nomes**, posposições e verbos descritivos, nestes indicando a correferência entre o complemento e o sujeito da oração independente. É observada nas seguintes subordinações: a) Nas orações subordinadas de sujeito idêntico, em verbos intransitivos; b) Nas orações consecutivas, em verbos intransitivos; c) Nas orações subordinadas de sujeito distinto, quando houver uma correferência entre o sujeito da oração principal e o objeto da subordinada, em todas as pessoas.	Os índices desta série são prefixos não acentuados. Ela é exclusiva de verbos e refere-se ao objeto. É usada quando o paciente de segunda pessoa tem proeminência em relação ao agente de primeira pessoa.

² Os clíticos da 'série não ativa' receberão acento, em geral, quando forem complemento da posposição *we* 'dativo'.



Na língua Apyãwa, para os verbos transitivos, devido ao verbo ter uma única vaga morfológica para a marcação de pessoa, marca-se sempre a pessoa cuja graduação seja a mais alta. Tal marcação é regida segundo um sistema de hierarquia entre as pessoas do discurso que favorece as pessoas intralocutivas. Por esse sistema, primeira e segunda pessoas são hierarquicamente superiores à terceira. Sendo as pessoas do discurso gramaticalmente idênticas, sempre será marcado o agente. Quando ocorre de uma primeira pessoa agir sobre uma segunda pessoa, são usados marcadores da 'série de hierarquização' (Praça, 2007, p. 104).

O período simples da língua Apyãwa apresenta-se com dois tipos de orações: orações com predicados não verbais e orações com predicados verbais. No grupo dos predicados não verbais, encontram-se os predicados existenciais, equativos, inclusivos e locativos. Os predicados verbais, por sua vez, abrangem verbos transitivos e intransitivos, e o marcador de pessoa sempre vem prefixado ao verbo, como pode ser observado no exemplo 2.

(Praça, 2007, p. 101, nossa análise)

- | | | | | |
|-----|--------------------------------|---------------------|------------------|--|
| | A | | _p V | |
| (2) | <i>ãpĩ</i> | <i>korinãka'i-∅</i> | <i>xe=∅-mook</i> | |
| | mamãe | Korinãka'i-RFR | 1SG.NA=R-molhar | |
| | 'Mamãe, Korinãka'i me molhou.' | | | |

No exemplo 2, após o vocativo, apresenta-se o agente da ação verbal, *Korinãka'i*; e, conforme a hierarquia de pessoa, na única vaga morfológica do verbo, é codificada a primeira pessoa – hierarquicamente superior à terceira pessoa –, conforme o destaque.

A negação das orações é realizada por meio do morfema descontínuo {na=....-i} (nã ~ n=-i ~ -j ~ -∅), e o escopo do morfema é toda a oração (Praça, 2007, p. 211). No exemplo 3, destacamos o morfema descontínuo, e pode-se observar como se dá a negação em Apyãwa.

(Praça, 2007, p. 71, nossa análise)

- | | | | | |
|-----|--|--------------------------|--------------------|-------------|
| | <i>akoma'e-∅³</i> | <i>i-eew-ama'e-∅</i> | <i>n=a-ãpa-j</i> | <i>ka-∅</i> |
| (3) | homem-RFR | 3.NA-preguiça-N.PRED-RFR | não=3.SA-fazer-NEG | roça-RFR |
| | 'O homem que tem preguiça não faz roça.' | | | |

CONTINUUM DA INTEGRAÇÃO GRAMATICAL EM CONSTRUÇÕES MULTIORACIONAIS E SEUS REFLEXOS NA MORFOSSINTAXE APYÃWA

Como qualquer estrutura gramatical, orações multioracionais estão sujeitas a gramaticalizações, que são “. . . alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem alteração em seu estatuto categorial” (Gonçalves et al., 2007, p. 17). Nesse sentido, as sequências analisadas neste texto perpassaram por esse processo, já que V₂ da sequência apresenta características mais gramaticais que lexicais, como a ausência do marcador de pessoa diante de si.

³ Segundo Praça (2007, p. 39), o morfema {-a} em Apyãwa é muito produtivo, o que poderia ser explicado pela forte omnipredicatividade presente na língua. Dessa maneira, por nomes e verbos – que são as principais entradas lexicais – serem gerados no léxico como predicados, eles necessitariam da presença do referido morfema para servirem como argumento.

Como essas sequências verbais se originam de estruturas mais independentes gramaticalmente entre si, um instrumento útil na discussão dessas estruturas em processo de perda de independência estrutural é o *continuum* (Lehmann, 2002; Payne, 2006), apresentado na Figura 1.

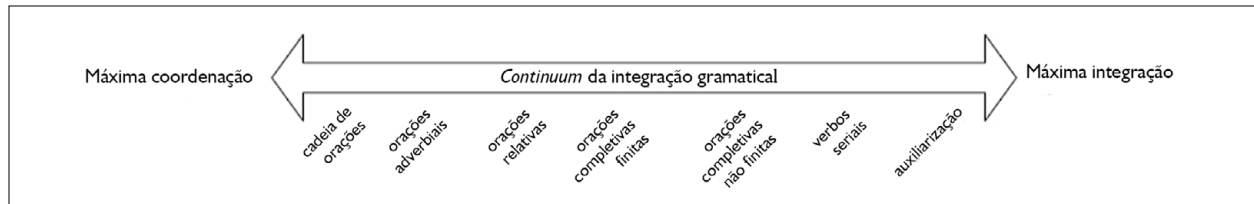


Figura 1. *Continuum* da integração gramatical.

Esse *continuum* identifica dois extremos: o da máxima coordenação, com duas ou mais orações completamente independentes entre si; e o da integração/subordinação, cujos elementos, um subordinando-se ao outro, associam-se em uma só oração.

Uma estratégia de 'coordenação' em Apyãwa é a coordenação assindética, na qual orações se justapõem sem qualquer conectivo, como pode ser visto no exemplo 4.

(Praça, 2007, p. 202, nossa análise)

- (4) *kwãxi-ø a-o'o ãpĩ-ø a-nopỹ-nopỹ*
 quati-RFR 3.SA-morder mamãe-RFR 3.SA-bater-REDUP
 'O quati mordeu a mamãe (e), ela bateu muito nele.'

Entende-se por subordinação aquelas situações em que existe, entre os termos constituintes da oração, uma relação de determinante e determinado (Câmara Jr., 2009, p. 281). O modo como a subordinação pode ser vista na língua Apyãwa será tratado mais à frente.

Ao se considerar a representação do *continuum* de integralidade oracional apresentada na Figura 1, percebe-se que várias delas estão presentes na língua Apyãwa.

'Cadeia de orações' é um mecanismo pelo qual "... várias orações relacionadas a eventos distintos, mas relacionados, são colocadas em sequência" (Dixon, 2010, p. 410, tradução nossa). Há uma oração principal e uma ou mais orações dependentes unidas entre si por morfologia específica (Payne, 2006, p. 300), entretanto sem qualquer marcador sintático evidente.

As 'orações adverbiais' apresentam marcas de dependência sintática e exercem uma função adverbial em relação à oração principal. Elas estão amplamente presentes na língua Apyãwa, e o que se observa é que, nelas, a hierarquia de pessoa não ocorre e os argumentos são codificados por índices da 'série não ativa' e da 'série correferencial'. As orações adverbiais se dividem em (Praça, 2007):

- a) Orações subordinadas de sujeito distinto (OSSD⁴);
- b) Orações subordinadas de sujeito idêntico (OSSI⁵);

⁴ Tradicionalmente, nas línguas Tupí, conhecidas como subjuntivo.

⁵ Tradicionalmente, nas línguas Tupí, conhecidas como gerúndio.

- c) Orações consecutivas;
- d) Orações subordinadas não ativas.

As OSSD são caracterizadas pela não correferência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada. Restringem-se à ocorrência de verbos transitivos ou intransitivos ativos na subordinada. Podem expressar circunstâncias temporais, causais ou condicionais. A dependência sintática é marcada pelo morfema {-ãramõ} (-ãramõ ~ -ramõ ~ -amõ ~ -mõ). Caso a oração subordinada seja intransitiva, seu argumento S será codificado com o mesmo índice do argumento P da oração matriz, ou seja, com índices da 'série não ativa'. Sendo a oração subordinada transitiva, a correferência entre o argumento A ou S da oração matriz e o P da oração subordinada será feita por meio de índices da 'série correferencial' (Praça, 2007).

Os exemplos a seguir ilustram orações subordinadas de sujeito distinto.

(Praça, 2007, p. 202, nossa análise)

- (5) *a-yj* *mĩ* *a-ixãk-ãramõ*
 3.SA-correr HAB 3.C-ver-OSSD
 'Ele sempre corre quando você o olha.'

No exemplo 5, o argumento S da oração principal é a primeira pessoa e o argumento A da oração subordinada é a segunda pessoa, ou seja, os sujeitos não são coincidentes. Para se marcar a correlação entre o argumento S da matriz e o argumento P da subordinada, a língua Apyãwa adota o uso da 'série correferencial'.

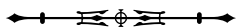
Nas OSSI, há a correferencialidade do sujeito da oração subordinada com o da oração matriz. Nelas, o argumento único de verbos intransitivos – tanto ativos quanto descritivos – é codificado por índices da 'série correferencial'. O morfema que referencia as OSSI é o {-wo} (-wo ~ -ã ~ -ta) (Praça, 2007, p. 207). As OSSI podem expressar relações temporais, como um evento realizado simultaneamente ao evento da oração matriz, ou um evento realizado pelo mesmo sujeito, mas sem simultaneidade, indicando uma sequência eventiva, finalidade, causalidade ou explicação. A seguir, apresenta-se o exemplo 6, que ilustra uma OSSI.

(Praça, 2007, nossa análise)

- (6) *ã'ẽ=gã-ø* *rãka* 'a 'or *a-mãrãkã-wo*
 DEM=SG-RFR PAS.REC D.E 3.vir 3.C-cantar-OSSI
 'Aquele veio aqui para cantar.'

No exemplo 6, está realçado o prefixo da 'série correferencial' de terceira pessoa. Essa é a única marca que indica a coincidência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada.

Nas orações consecutivas, a subordinação é marcada pelo morfema {-ire} (-ire ~ -re), o sujeito pode ser ou não correferencial ao da oração principal e os núcleos dessas orações são sempre verbos ativos. Tais orações transmitem a noção de 'depois de'. Quando o verbo da oração subordinada for monovalente, caso haja correferência entre o sujeito da oração subordinada e o da principal, faz-se necessário o uso de um índice da 'série correferencial' no verbo da oração subordinada, conforme pode ser visto no exemplo 7.



(Praça, 2007, p. 189, nossa análise)

- (7) **ã-xepyto'ak** **ekwe** **we-karõ-pãw-ire**
 1SG.NA-descansar F.IMI 1SG.C-comer-terminar-CONS
 'Descansarei depois de comer tudo.'

As orações subordinadas não ativas são marcadas pelo morfema {-ãramõ} (-ãramõ ~ -ramõ). O núcleo dessas orações é um verbo descritivo ou um nome, e o sujeito delas pode ou não ser correferente ao da oração principal. Caso haja a correferência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada, esta receberá prefixos da 'série correferencial'. Não havendo correlação entre o sujeito da oração matriz e o da oração subordinada não ativa, serão utilizados marcadores da 'série não ativa'.

(Praça, 2007, p. 198, nossa análise)

- (8) **wex-ãy-ramõ** **ã-nopỹ** **i-re-ka-wo**
 1SG.C-estar.com.raiva-S.P.N.AT 1SG.SA-bater 3.NA-CC-estar-OSSI
 'Quando eu estava com raiva, eu bati nele (no cachorro).'

(Praça, 2007, nossa análise)

- (9) **i-yãr-aramõ** **karãe** **ara-a** **mãir-a** **ø-tãj-pe**
 3.NA-canoa-S.P.N.AT PAS.REM 1EXC.SA-ir não.índio-RFR R-aldeia-LOC
 'Quando ele tinha canoa, nós fomos à cidade.'

No exemplo 8, há correspondência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada – a primeira pessoa. Portanto, a identidade entre os sujeitos de ambas as orações justifica o uso da 'série correferencial'.

Já no exemplo 9, os sujeitos não coincidem. O sujeito da oração principal é a primeira pessoa exclusiva e o da subordinada é a terceira pessoa. Nesse caso, a não correferência é marcada por índices da 'série não ativa'.

'Orações relativas' são modificadores com estrutura, geralmente, semelhante à de uma oração que sintaticamente insere-se em um sintagma nominal. Em termos funcionais, pertencem à coerência referencial, provendo indicativos catafóricos e anafóricos dos referentes dos sintagmas nominais (Givón, 2001). Tais orações operam como modificadores sintáticos do argumento. Se fornecem mais informações sobre o argumento, são chamadas de orações relativas não restritivas. Se focalizam ou restringem o argumento, são denominadas orações relativas restritivas (Dixon, 2010, p. 314).

O exemplo a seguir ilustra uma oração relativa restritiva da língua Apyãwa.

(Praça, 2007, p. 17, nossa análise)

- (10) $\begin{matrix} \text{A} & \text{V} & & \text{P} \\ & \text{A} & \text{V} & [\text{S} & & \text{V}] \end{matrix}$
a-ixãk **[akoma'e-ø** **a-yj-ama'e-ø]**
 3.SA-ver homem-RFR 3.SA-correr-N.PRED-RFR
 'Ele viu o homem que correu.'



No exemplo 10, observa-se uma oração principal cujo o argumento A é a terceira pessoa e o argumento P é oracional, uma oração relativa que atua como um modificador adjetival para o sintagma *akoma'e* 'homem'. Isso é marcado pela presença do sufixo {-ama'e} (-ama'e ~ -ma'e), cuja função é nominalizar o predicado, e do referenciante – neste caso, um morfema zero – que torna o predicado um argumento.

'Oração completiva' é aquela que exerce a função de um argumento de outra oração, a qual é denominada matriz (Payne, 2006, p. 291). Na língua Apyãwa, também está presente esse tipo de oração, como demonstra o exemplo a seguir.

(Praça, 2007, p. 83, nossa análise)

	A	V _A	P
(11)	<i>epe=ga-∅</i>	<i>a-kwããw</i>	<i>[xe=r-exãk-a]</i>
	D.E=SG-RFR	3.SA-saber	1SG.NA=R-ver-RFR
	'Aquele sabe que você me viu.'		

No exemplo 11, a oração 'você me viu' exerce a função de objeto do verbo *kwããw* 'saber, conhecer'.

Considerando-se o *continuum* da integração gramatical das construções multioracionais, a partir deste ponto aparecem as sequências verbais, tema de que trata este artigo.

O tópico 'verbos serializados' já foi abordado por um número significativo de autores na literatura teórica de cunho funcionalista – tais como Aikhenvald (2006), Haspelmath (2016), Payne (2006, pp. 288-291), Anderson (2006), Givón (1991), Hengeveld (2000, p. 1106). Em geral, o que se pode perceber é a não existência de um consenso nessa literatura a respeito da definição do que seriam verbos seriais. Todavia, as diversas concepções possuem pontos em comum, tais como: as construções serem mono-oracionais; os verbos, além de agirem como um único predicado, terem ocorrência individual na língua; os verbos envolvidos na estrutura não poderem ser um argumento do outro.

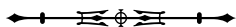
Entre as diferentes abordagens, duas serão tratadas com destaque neste texto: a de Aikhenvald (2006), mais ampla, e a de Haspelmath (2016), mais restritiva.

Aikhenvald (2006) define as construções verbais seriais (CVS) como sendo uma sequência de verbos que agem conjuntamente como um único predicado, descrevendo um único evento, e compartilham o mesmo valor de tempo, modo e aspecto, não havendo qualquer marcador de dependência sintática entre os membros da sequência. Os verbos das CVS devem sempre compartilhar um argumento, que, predominantemente, é o sujeito. Em geral, tais construções se apresentam com dois verbos, mas é possível achar línguas em que há sequências com mais de dois verbos, como pode ser observado no exemplo 12, da língua Dãw, do noroeste da Amazônia brasileira.

(Aikhenvald, 2006, p. 2, tradução nossa)

(12)	<i>yoːh</i>	<i>bə:-hãm-yɔw</i>
	remédio	derramar-ir-acontecer.imediatamente
	'O remédio derramou de imediato.'	

Aikhenvald (2006) propõe diferentes configurações para as CVS, classificando-as em relação aos parâmetros de 'composição' e 'contiguidade'. No que concerne ao parâmetro composição, as CVS podem ser 'assimétricas' ou 'simétricas'.



Nas construções assimétricas, existe um membro principal, para cuja classe gramatical ou semântica não há restrições, e um membro secundário, um verbo de uma classe gramatical ou semântica mais restrita, como um verbo postural ou de movimento. Em geral, observa-se uma ordem fixa para os membros da sequência, que é propensa à lexicalização.

Em relação às construções simétricas, os membros da sequência detêm o mesmo *status*, isto é, podem ser escolhidos a partir de qualquer classe, sem qualquer restrição semântica ou gramatical. As CVS simétricas, diferentemente das CVS assimétricas, tendem a se tornar itens gramaticais.

Quanto ao parâmetro continuidade, Aikhenvald (2006) divide as CVS em 'contíguas' e 'não contíguas', sendo as primeiras aquelas em que os verbos têm que estar em sequência, próximos uns dos outros, não havendo nada intervindo entre os constituintes. As CVS não contíguas, por sua vez, são aquelas em que há a possibilidade de existência da intervenção de um outro constituinte entre os verbos.

Nas CVS propostas por Aikhenvald (2006, pp. 3-4), as categorias gramaticais – tais como negação, tempo, modo, aspecto, valência, pessoa do sujeito ou do objeto – podem ser marcadas somente uma vez na construção ou podem ser marcadas em todos os componentes, o que é chamado de marcação concordante.

Por outro lado, Haspelmath (2016, p. 292) apresenta as CVS como sendo construções mono-oracionais compostas por múltiplos verbos independentes, inexistindo qualquer elemento ligando-os ou qualquer relação predicado-argumento entre os verbos.

A averiguação da mono-oracionalidade da construção é feita por meio da negação. Geralmente, há somente uma maneira de se fazer a negação da CVS e, comumente, o escopo desta é toda a construção (Haspelmath, 2016, p. 299).

Além de todos os verbos da sequência compartilharem o mesmo tempo, modo, modalidade e evidencialidade e, ao menos, um argumento, Haspelmath (2016) acrescenta a restrição de considerar como CVS somente expressões de eventos dinâmicos, ou seja, verbos que apresentam um elemento inerente de mudança (Velupillai, 2012, p. 208).

'Auxiliares' situam-se no último estágio do *continuum* da integração gramatical e podem ser considerados um elemento com algum grau de apagamento semântico que, combinado a um verbo lexical, forma uma construção mono-oracional (Anderson, 2006, pp. 4-5). Assim, a construção com verbo auxiliar é constituída minimamente por um verbo lexical, que atribui conteúdo lexical à construção, e um verbo auxiliar, cuja função é cooperar com algum conteúdo gramatical ou funcional.

Aikhenvald (2011) e Haspelmath e Sims (2010) também oferecem definições de verbos auxiliares. Aikhenvald (2011, p. 14, tradução nossa) afirma que:

Um auxiliar é normalmente definido como uma subclasse fechada de verbos que (a) fazem parte de um predicado complexo em combinação com verbos de uma grande classe aberta; (b) tomam as especificações de pessoa, número, gênero, aspecto, tempo, modo e/ou modalidade; e (c) podem conferir um significado modal ou aspectual a toda a construção⁶.

Por sua vez, Haspelmath e Sims (2010, p. 321, tradução nossa) tratam o verbo auxiliar como o “. . . verbo que coocorre com um verbo principal em um sintagma para indicar valores de características verbais, como tempo ou modo”⁷.

⁶ No original: “An auxiliary is usually defined as a closed subclass of verbs which (a) form part of one complex predicate in combination with a verb from a large open class; (b) take the person, number, gender, aspect, tense, mood and/or modality specifications; and (c) may impart a modal, or an aspectual meaning to the whole construction”.

⁷ No original: “Auxiliary: a verb that co-occurs with a main verb in a phrase to indicate values of verbal features such as tense or mood”.

SEQUÊNCIAS VERBAIS EM APYÃWA

Neste artigo, analisamos fenômeno presente em Apyãwa – e em outras línguas da família Tupí-Guaraní –, a ocorrência de certas sequências verbais que não estão em relação de coordenação e nem de subordinação clássica. Tal estrutura é representada pelo esquema PESSOA-V₁-V₂, sendo:

PESSOA > marcador de pessoa;

V₁ > um verbo lexical;

V₂ > seletor grupo de verbos que geralmente manifestam uma semântica de aspecto ou modalidade.

O fenômeno pode ser observado mais produtivamente nos seguintes verbos⁸: *kwããw* ‘saber, conhecer’ (exemplo 13), que exprime potencialidade e habilidade; *patâr* ‘querer, desejar’ (exemplo 14), que exprime modalidade desiderativa; *pãw* ‘acabar, terminar’, que apresenta aspecto terminativo (exemplo 15); e *kãto* ‘ser bonito, ser bom’ (exemplo 16), o qual exprime que a ação foi realizada com um alto grau de eficiência.

(Praça, 2007, p. 17, nossa análise)

- (13) *akoma'e-ø i-pa-e'y-m-ama'e-ø n=a-'yytã-kwããw-i*
 homem-RFR 3.NA-mão-NEG-N.PRED-RFR não=3.SA-nadar-saber-NEG
 ‘O homem que não tem mão não sabe nadar.’

(Praça, 2007, p. 22, nossa análise)

- (14) *ie-ø ã-ino-patâr i-xe'eg-ãw-a*
 1SG-RFR 1SG.SA-ouvir-querer 3.NA-falar-N.PROC-RFR
 ‘Eu quero ouvir a fala dela.’

(Praça, 2007, p. 114, nossa análise)

- (15) *akoma'e-kwer-a a-mãrãkã-pãw*
 homem-GRUP-RFR 3.SA-cantar-terminar
 ‘Os homens terminaram de cantar.’

(Praça, 2007, p. 120, nossa análise)

- (16) *eiri-ø a-ke-kãto*
 Eiri-RFR 3.SA-dormir-ser.bom
 ‘Eiri dorme bem.’

Essas construções fogem do padrão das orações subordinadas de sujeito idêntico, uma vez que o índice de pessoa não aparece diante dos dois verbos da sequência, apenas anexado ao primeiro. Também não há marcadores de subordinação, e todos os verbos existem independentemente na língua – ou seja, cada verbo também pode ocorrer como o único verbo em uma oração.

Como resultado desse impasse, buscamos uma análise alternativa para essas construções.

⁸ As glosas oferecidas para esses quatro verbos são os significados de quando eles são usados independentemente.

O primeiro passo é investigar o *status* de V_2 quanto ao *continuum* de integração gramatical apresentado na Figura 1, se se trata de um verbo serial ou de auxiliar. Para isso, selecionamos quatro parâmetros de análise:

- a) Uso lexical independente, pois os verbos, além de participarem da sequência verbal, também são verbos plenos na língua, que é uma das características dos verbos seriais;
- b) O escopo da negação, pois, caso a negação recaia sobre a construção inteira e não sobre cada verbo individualmente, pode-se afirmar que se trata de uma construção mono-oracional, o que caracteriza tanto verbos seriais quanto auxiliares;
- c) Um verbo não ser argumento de outro, o que indica se tratar, também, de uma construção mono-oracional;
- d) Regras morfofonêmicas de junturas de morfemas no interior das palavras, o que igualmente tipifica construções mono-oracionais.

Em seguida, ofereceremos uma outra proposta de análise para a estrutura $\text{PESSOA-V}_1\text{-V}_2$: incorporação do objeto oracional para os verbos transitivos (*kwããw* 'saber, conhecer' e *patãr* 'querer, desejar') e, para os intransitivos (*pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom'), a hipótese de que, paralelamente ao que acontece com compostos nominais com núcleo em primeira posição, V_2 assume a função de modificador de V_1 .

VERBO *KWÃÃW* 'SABER, CONHECER'

O verbo *kwããw* significa 'saber, conhecer' e é um verbo transitivo, ou seja, seleciona dois argumentos. Seu uso lexical independente, que é um dos parâmetros de análise escolhidos, é muito produtivo. O exemplo 17 ilustra o uso desse verbo.

(Almeida et al., 1983, p. 58, nossa análise)

- (17) *tapirapé-ramõ ie ã-kwãaw pe-xe'eg-a*
 tapirapé-S.P.N.AT 1SG 1SG.SA-saber 2PL-falar-RFR
 'Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a língua de vocês.'
 (Literalmente: Se eu fosse Tapirapé, eu sabia o falar de vocês.)

O exemplo 17 apresenta duas orações, que compõem um período composto. A primeira é uma oração subordinada não ativa de semântica condicional. A segunda é a oração matriz, na qual se pode observar o verbo *kwããw* 'saber, conhecer' com seus dois argumentos: o sujeito, a primeira pessoa do singular; e o objeto, *pexe'ega* 'a língua de vocês', em destaque.

O verbo *kwããw* 'saber, conhecer' também pode ser usado na sequência verbal $\text{PESSOA-V}_1\text{-V}_2$. Nesse caso, transmite uma semântica modal de habilidade/potencialidade, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

(Praça, 2007, p. 119, nossa análise)

- (18) *makãto-ø a-ãpa-kwãaw tamãkorã-ø*
 Makãto-RFR 3.SA-fazer-saber tamãkorã-RFR
 'Makãto sabe fazer tamãkorã.'



(Praça, 2007, p. 119, nossa análise)

- (19)
- | | | | | | |
|-----------------|----------------------|----------------|----------------|--|--|
| S | | _s V | | | |
| <i>konomĩ-ø</i> | <i>a-'yytã-kwããw</i> | <i>w-ow-a</i> | <i>ø-xãwie</i> | | |
| menino-RFR | 3.SA-nadar-saber | 3.C-pai-RFR | R-POS | | |
- 'O menino sabe nadar igual ao pai dele.'

Comparando-se o exemplo 18 com o 19, é possível perceber que, no caso das seqüências verbais, quem comanda a valência da estrutura verbal é V_1 . Assim, no exemplo 18, quando *kwããw* 'saber, conhecer' combina-se com o verbo *ãpa* 'fazer', que requer dois argumentos, há a presença do argumento A e do argumento P do verbo. No exemplo 19, por sua vez, V_1 é o verbo 'yytã 'nadar', intransitivo. Como consequência, só há um argumento, *konomĩ* 'menino', sendo *wowa xãwie* 'igual ao pai dele' um dativo.

A seqüência verbal PESSOA- V_1 - V_2 com *kwããw* 'saber, conhecer' é mono-oracional. A mono-oracionalidade dessa construção pode ser identificada por meio do parâmetro 'escopo da negação'. A hipótese por trás do teste de negação é que, caso haja somente uma maneira de se fazer a negação, e o escopo desta seja a construção inteira, está-se diante de uma construção mono-oracional. A seguir, apresentamos exemplos que dão suporte a essa hipótese.

(Praça, 2007, p. 119, nossa análise)

- (20)
- | | | | | | |
|-----------------|----------------------|----------------|----------------|--|--|
| | | _s V | | | |
| <i>konomĩ-ø</i> | <i>a-'yytã-kwããw</i> | <i>w-ow-a</i> | <i>ø-xãwie</i> | | |
| menino-RFR | 3.SA-nadar-saber | 3.C-pai-RFR | R-POS | | |
- 'O menino sabe nadar igual ao pai dele.'

(Praça, 2007, p. 17, nossa análise)

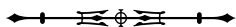
- (21)
- | | | | | | |
|------------------|--------------------------|--------------------------|--|--|--|
| | | | | | |
| <i>akoma'e-ø</i> | <i>i-pa-e'ym-ama'e-ø</i> | <i>n=a-'yytã-kwããw-i</i> | | | |
| homem-RFR | 3.NA-mão-NEG-N.PRED-RFR | não=3.SA-nadar-saber-NEG | | | |
- 'O homem que não tem mão não sabe nadar.'

Os exemplos 20 e 21 mostram que a seqüência verbal recebe um único morfema de negação, recaindo a negação sobre o todo da construção, e não sobre cada verbo individualmente. Esse fato sugere fortemente que essa seqüência verbal é uma construção mono-oracional, o que caracteriza tanto verbos seriais quanto auxiliares.

Outra característica de verbos seriais e de auxiliares que aparece na seqüência PESSOA- V_1 - V_2 é o parâmetro 'um verbo não poder ser argumento do outro', como pode ser observado nos exemplos a seguir.

(Almeida et al., 1983, p. 58, nossa análise)

- (22)
- | | | | | | | |
|----------------------|-----------|----------------|-----------------------------------|----|--|---|
| | | A | | AV | | P |
| <i>tapirapé-ramõ</i> | <i>ie</i> | <i>ã-kwãaw</i> | <i>[pe-xe'eg-a]</i> _{SN} | | | |
| tapirapé-S.P.N.AT | 1SG | 1SG.SA-saber | 2PL-falar-RFR | | | |
- 'Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a língua de vocês.'
(Literalmente: Se eu fosse Tapirapé, eu sabia o falar de vocês.)



(Praça, 2007, p. 119, nossa análise)

	A	AV_1V_2	P
(23)	<i>makãto-ø</i>	<i>a-ãpa-kwããw</i>	<i>[tamãkorã-ø]_{SN}</i>
	Makãto-RFR	3.SA-fazer-saber	tamãkorã-RFR
	'Makãto sabe fazer tamãkorã.'		

Nos exemplos 22 e 23, o objeto dos verbos é identificado entre colchetes. O exemplo 22 apresenta o verbo *kwããw* 'saber, conhecer' em seu uso lexical independente, o exemplo 23 retrata o uso do verbo *kwããw* 'saber, conhecer' na sequência $PESSOA-V_1-V_2$.

No exemplo 22, o sintagma nominal entre colchetes é o objeto do verbo. Uma oração completiva de estrutura $PESSOA-VERBO-RFR$ está na função de argumento P do verbo. A presença do morfema referenciante **{-a}** dá aspectos nominais ao verbo e assinala a função argumentativa do nome. Como resultado, em seu uso pleno, o verbo *kwããw* 'saber, conhecer' estabelece uma relação de predicado-argumento com o verbo *xe'eg* 'falar', já que este é parte do argumento do primeiro (Haspelmath, 2016, p. 305).

Ao contrário do que acontece no exemplo 22, no exemplo 23 não existe uma relação de predicado-argumento entre os dois verbos dessa construção. O objeto direto é *tamãkorã*, e não *ãpa* 'fazer'. Propriedades de argumento identificadas no argumento P do exemplo 22 são observadas em *tamãkorã* – mas não em *ãpa* 'fazer' – por exemplo, a sufixação pelo morfema referenciante **{-a}** e a ausência do marcador da terceira pessoa da 'série ativa' **{a-}** prefixando o verbo *kwããw* 'saber'. Esse fato, já esperado, constitui sólida evidência de que, nas sequências $PESSOA-V_1-V_2$, V_1 não é argumento de V_2 .

Em relação a regras morfofonêmicas, no *corpus* utilizado para este trabalho, não havia dados para tal.

Em termos semânticos, o uso de *kwããw* 'saber, conhecer' nas construções $PESSOA-V_1-V_2$ expressa modalidade eventiva dinâmica habilitativa. A propriedade eventiva é observada pelo verbo estar relacionado a uma ação potencial, ou seja, apesar de o evento não ter sido realizado ainda, ele é possível ou provável. As propriedades dinâmicas desse verbo são observadas pelos fatores internos, que são os que iniciam ou condicionam a ação. Por fim, o verbo *kwããw* 'saber, conhecer' tem semântica habilitativa, pois denota-se a capacidade por parte do falante de realizar a ação (Velupillai, 2012, pp. 220-223).

O VERBO *PATĀR* 'QUERER, DESEJAR'

O verbo *patār* 'querer, desejar' também é um verbo transitivo. Pode ter 'uso lexical independente' e ser empregado, também, na sequência verbal $PESSOA-V_1-V_2$, sendo que, nesta, adquire semântica volitiva. A seguir, apresentamos exemplos com o verbo *patār* 'querer, desejar' em seu uso lexical pleno.

(Praça, 2007, p. 118, nossa análise)

		aV	P
(24)	<i>e-mor</i>	<i>i-xope a-patār</i>	<i>[marãxi-ø]_{SN}</i>
	2SG.IMP-dar	3.NA-POS 3.SA-querer	melancia-RFR
	'Dê a ele. Ele quer melancia.'		



(Praça, 2007, p. 206, nossa análise)

- (25)
- | | | | |
|-----------------|----------------|----------------|--|
| A | V _A | P | V ₁ V ₂
P ₁ V ₂ |
| <i>ã'ẽ=gã-ø</i> | <i>a-xokã</i> | <i>xãwãr-a</i> | <i>i-o'o-patãr-[ãramõ]</i> |
| DEM=SG-RFR | 3.SA-matar | cachorro-RFR | 3.NA-morder-querer-OSSD |
- 'Aquele matou o cachorro porque ele quis mordê-lo.'

O exemplo 24 traz o uso pleno do verbo *patãr* 'querer, desejar', que é um verbo de dois argumentos. Entre colchetes está o objeto do verbo, *marãxi* 'melancia'. No exemplo 25, os colchetes identificam o sufixo OSSD, que indica que o sujeito da oração subordinada não é o mesmo que o da oração principal. O sujeito da oração principal é a terceira pessoa, e o sujeito da subordinada é *xãwãra* 'cachorro', que é o objeto da oração principal.

Assim como o verbo *kwããw* 'saber, conhecer', o verbo *patãr* 'querer, desejar', na sequência verbal PESSOA-V₁-V₂, forma com V₁, pelo parâmetro 'escopo da negação', uma única oração, pois não existe a possibilidade de ambos os verbos receberem o marcador de negação independentemente. Nos exemplos a seguir, o morfema descontínuo de negação está em negrito e a sequência verbal PESSOA-V₁-V₂ sublinhada.

(Praça, 2007, p. 196, nossa análise)

- (26)
- | | |
|------------------------------|----------------------|
| <i>xe=ø-kaneõ-ete</i> | <i>ã-ke-patãr</i> |
| 1SG.NA=R-estar.cansado-INTNS | 1SG.SA-dormir-querer |
- 'Estou muito cansado. Quero dormir.'

(Praça, 2007, p. 118, nossa análise)

- (27)
- | |
|------------------------------|
| <i>n=ã-ke-patãr-i</i> |
| não=1SG.SA-dormir-querer-NEG |
- 'Não quero dormir.'

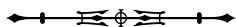
Outro feito que corrobora a afirmação de a sequência verbal formar uma só oração é o fato de ela estar sob ação do parâmetro 'regras morfofonêmicas de junturas de morfemas (regra c)', como pode ser observado no exemplo 28.

(Praça, 2007, p. 41, nossa análise)

- (28)
- | | | |
|-------------|--------------------|----------------------|
| <i>ie-ø</i> | <i>ã-ixã-matãr</i> | <i>ne=ø-porããj-a</i> |
| 1SG-RFR | 1SG.SA-ver-querer | 2SG.NA=R-dançar-RFR |
- 'Eu quero ver sua dança.'

No exemplo 28, a consoante oclusiva bilabial surda /p/, após a queda da consoante /k/ do verbo *ixãk* 'ver', assimilou a nasalidade da vogal nasal.

Em resumo, na distribuição de *patãr* 'querer, desejar' como verbo pleno, a ausência de marcação negacional independente para V₁ e V₂ quando *patãr* preenche V₂ e a aplicação de regra morfofonológica que nasaliza a consoante inicial desse verbo permitem sugerir que, na construção PESSOA-V₁-V₂, *patãr* e V₁ formam uma construção mono-oracional.



Semanticamente, o verbo *patãr* em seu uso na construção PESSOA-V₁-V₂ tem modalidade eventiva, pois expressa uma ação potencial nessa construção. Soma-se a isso o fato de fatores internos iniciarem ou condicionarem a ação, adicionando à modalidade eventiva a característica de ser dinâmica. Por fim, refere-se ao desejo do falante de realizar a ação, o que enquadra a construção na modalidade eventiva dinâmica volitiva (Velupillai, 2012, pp. 220-223).

VERBO *PĀW* 'ACABAR, TERMINAR'

O verbo *pãw* 'acabar, terminar' é um verbo intransitivo ativo. Portanto, recebe marcadores da 'série ativa'. Além do seu 'uso lexical independente' (exemplo 29), também aparece com a semântica aspectual completiva quando usado na sequência verbal PESSOA-V₁-V₂ (exemplos 30 e 31).

(Praça, 2007, p. 70, nossa análise)

- (29) *ãxe'i-wãr-a* *a-pãw*
ontem-N.CIR-RFR 3.SA-acabar
'O que é de ontem acabou.'

(Praça, 2007, p. 114, nossa análise)

- (30) *ie-ø* *ã-xãok-pãw-exĩ*
1SG-RFR 1SG.SA-banhar-terminar-IMI
'Estou prestes a terminar de banhar.'

(Almeida et al., 1983, p. 42, nossa análise)

- (31) *n=ãxao-pãw-i*
não=banhar-terminar-NEG
'Não terminei de banhar.'

O parâmetro 'escopo da negação' (cf. exemplos 30 e 31) nos permite concluir que o verbo *pãw* 'acabar, terminar' forma com V₁ uma única oração. Observe no exemplo 31 que a sequência verbal está dentro do morfema descontínuo {*na=....-i*}. Quando a sequência PESSOA-V₁-V₂ é negada e V₂ é preenchido com *pãw* 'acabar, terminar', não existe a possibilidade de ambos os verbos receberem o marcador de negação independentemente, o que nos permite concluir que se trata de uma construção mono-oracional.

Também é possível dizer que, em sequências verbais PESSOA-V₁-V₂ formadas com *pãw* 'acabar, terminar', está presente o parâmetro de 'um verbo não ser argumento de outro'. Observe os próximos exemplos.

(Praça, 2007, p. 114, nossa análise)

- | | | | | |
|------|-------------------------------|--------------|----------------|--|
| | S | | sV | |
| (32) | <i>tãtã-ø</i> | <i>a-pãw</i> | <i>xe=ø-wi</i> | |
| | banana-RFR | 3.SA-acabar | 1SG.NA=R-POS | |
| | 'As bananas acabaram de mim.' | | | |



(Praça, 2007, p. 110, nossa análise)

- | | | | | | |
|------|--------------------------------|--|---------------|----------------|----------------------|
| | AV ₁ V ₂ | | P | | |
| (33) | <i>ã-ãpa-pãw-akãr</i> | | <i>tope-ø</i> | <i>ne=ø-we</i> | <i>ipa'yw-a ø-we</i> |
| | 1SG.SA-fazer-terminar-MASD | | tope-RFR | 2SG.NA=R-POS | Ipa'ywa-RFR R-POS |
- 'Eu terminei de fazer o tope para você por meio da Ipa'ywa.'

O exemplo 32 traz o uso pleno do verbo intransitivo *pãw* 'acabar, terminar', que possui como argumento único (S) o sintagma *tãtã* 'banana'. No exemplo 33, a valência da oração é a mesma que a valência de V₁, *pãw* 'fazer', verbo de dois argumentos. O argumento A é a primeira pessoa do singular e o argumento P é *tope* seguido do referenciante, um morfema zero, que indica que o elemento é um argumento. Portanto, nessa seqüência, um verbo não é argumento do outro.

Outra evidência de que *pãw* 'acabar, terminar' como V₂ em seqüências PESSOA-V₁-V₂ forma uma unidade com V₁ é o parâmetro 'regras morfofonêmicas de junturas de morfemas'. Pode ser vista a aplicação da regra c, nasalização da consoante oclusiva bilabial surda /p/ após vogal nasal em fronteira de morfema, no exemplo 34.

(Praça, 2007, p. 167, nossa análise)

- | | | | | | |
|------|----------------------|-------------|-------------|-------------|-----------|
| (34) | <i>w-owy-ramõ</i> | <i>xowe</i> | <i>rõ'õ</i> | <i>ãkaj</i> | <i>mĩ</i> |
| | 3.NA-sangue-S.P.N.AT | FOC | N.ASS | C.I.COM | HAB |
-
- | | | | |
|--------------|--------------------------|--------------------|-------------------|
| <i>xãy-ø</i> | <i>i-piry-mãw</i> | <i>'op-a</i> | <i>ypyton-imo</i> |
| lua-RFR | 3.NA-ser.vermelho-acabar | estar.deitado-OSSI | noite-LOC |
- 'Quando tem sangue dela, a lua fica completamente vermelha na noite.'

A forma *piryg* 'vermelho' termina em uma consoante nasal velar, representada pelo grafema <g>. Quando usada como V₁ na seqüência PESSOA-V₁-V₂, a consoante nasal é elidida, mas nasaliza a consoante oclusiva do morfema subsequente.

Semanticamente, *pãw* 'acabar, terminar' como V₂ na seqüência PESSOA-V₁-V₂ expressa aspecto perfectivo completivo. Aspecto é um dispositivo com o propósito de expressar gramaticalmente diferentes perspectivas da constituição temporal interna de um evento em relação aos pontos de início e fim da ação. Quando o ponto de vista recai sobre uma visão externa ao curso do evento, enxergando este como um todo delimitado, tem-se um aspecto perfectivo (Comrie, 1976, p. 3; Velupillai, 2012, pp. 208-210).

VERBO *KĀTO* 'SER BONITO, SER BOM'

O último verbo tratado neste artigo é *kãto* 'ser bonito, ser bom'. Trata-se de um verbo intransitivo descritivo; portanto, flexiona-se com marcadores da 'série não ativa'. Também aparece como V₂ na seqüência verbal PESSOA-V₁-V₂. Nesse caso, pode significar 'realmente' ou indicar que algo foi realizado com alto grau de eficiência. O exemplo 35 traz o verbo *kãto* 'ser bonito, ser bom' em seu 'uso lexical independente'.



(Praça, 2007, p. 12, nossa análise)

- (35) *ne=ø-hyj-a* *i-kãto*
 2SG.NA=R-correr-RFR 3.NA-ser.bom
 'Sua corrida foi boa.'

Além do parâmetro de 'uso lexical independente' na língua, outros diagnósticos nos permitem analisar orações com *kãto* 'ser bonito, ser bom' em posição V_2 , no esquema PESSOA- V_1 - V_2 , como mono-oracionais, tal como o parâmetro 'um verbo não ser argumento de outro' – V_2 não é argumento de V_1 , o que sugere a inexistência de relação de predicado-argumento nessa estrutura.

(Praça, 2007, p. 120, nossa análise)

- (36) S sV_1V_2
eiri-ø *a-ke-kãto*
 Eiri-RFR 3.SA-dormir-ser.bom
 'Eiri dorme bem.'

(Praça, 2007, p. 36, nossa análise)

- (37) A AV_1V_2 P
xe=r=amõj-a *a-ãpa-kãto* 'ywyràpãr-a'
 1SG.NA=R-avô-RFR 3.SA-fazer-ser.bom arco-RFR
 'Meu avô faz arco bem.'

(Praça, 2007, p. 119, nossa análise)

- (38) S $sV_1V_2V_3$
ie-ø *ã-xemimõj-kwãã-gãto*
 1SG-RFR 1SG.SA-cozinhar-saber-ser.bom
 'Eu sei cozinhar bem.'

O exemplo 36 apresenta o uso do verbo *kãto* 'ser bonito, ser bom' numa sequência em que V_1 é um verbo intransitivo. Compare-o com o exemplo 37, em que V_1 é um verbo transitivo. O argumento P da sequência verbal PESSOA- V_1 - V_2 é 'ywyràpãr-a' 'arco' e há a presença do sufixo referenciante {-a}, que indica que o elemento é um argumento. Nesse caso, a sequência inteira passa a ter dois argumentos, A e P, o que demonstra que um verbo não é argumento do outro.

O exemplo 38 traz uma sequência com três verbos em que V_1 é que carrega o significado lexical. Em V_3 , a oclusiva velar /k/ nasaliza-se na nasal velar após a aproximante lábio-velar /w/, o que tipifica a construção como mono-oracional.

Em termos semânticos, o uso de *kãto* 'ser bonito, ser bom' como V_2 é apreciativo, refletindo um juízo de valor do falante em relação ao evento descrito pela proposição, e não um valor de verdade sobre a informação comunicada.

NEM VERBOS SERIAIS, NEM VERBOS AUXILIARES

Pelo que foi exposto nas seções anteriores, a hipótese de que a sequência PESSOA- V_1 - V_2 seja verbo serial não prospera. Apesar da presença de características de construções verbais seriais, tais como os verbos que ocupam a posição V_2 também serem verbos plenos na língua, e as construções serem mono-oracionais; outras particularidades distanciam a sequência



(Praça, 2007, p. 118, nossa análise)

- | | | | | |
|------|-------------------------|------------------|-----------------|--|
| | A | $\overset{A}{V}$ | P | |
| (41) | <i>ie-∅</i> | <i>ã-patâr</i> | <i>ne=∅-a-∅</i> | |
| | 1SG-RFR | 1SG.SA-querer | 2SG.NA=R-ir-RFR | |
| | 'Eu quero que você vá.' | | | |

(Praça, 2007, p. 177, nossa análise)

- | | | | |
|------|---------------------------|-----------------------|-----------|
| | S | $\overset{s}{V_1V_2}$ | |
| (42) | <i>eiri-∅</i> | <i>a-xão-patâr</i> | <i>we</i> |
| | Eiri-RFR | 3.SA-banhar-querer | PERF |
| | 'Eiri ainda quer banhar.' | | |

No exemplo 41, os sujeitos dos verbos *patâr* 'querer, desejar' e *a* 'ir' são diferentes. O sujeito do primeiro verbo é a primeira pessoa do singular. Do segundo, a segunda pessoa do singular.

Já no exemplo 42, *Eiri* é sujeito tanto do verbo *patâr* 'querer, desejar' como de *xão* 'banhar'. Novamente, há a coincidência dos sujeitos e o aparecimento da sequência PESSOA-V₁-V₂, de modo que a existência da sequência PESSOA-V₁-V₂ passa a ser um reflexo gramatical da motivação funcional dessa coincidência de sujeitos.

Observa-se, nesse caso, a incorporação do objeto oracional relativo a V₁ por V₂. Segundo Payne (2006, pp. 256-257, tradução nossa):

A incorporação do nome é uma construção na qual um argumento de uma oração transitiva torna-se "anexado a" ou "incorporado" ao verbo. A incorporação exibe todas as características da composição, a saber: (1) um padrão de acentuação característico de palavras em vez de sintagmas, (2) ordem de palavras possivelmente incomum, (3) padrões morfofonêmicos característicos de palavras em vez de sintagmas, (4) possivelmente morfologia especial, e (5) significados que são mais específicos do que os significados das partes individuais.

A incorporação de objeto é mais comum do que outros tipos de incorporação de substantivo nas línguas do mundo⁹.

Esse fenômeno ocorre mais frequentemente com nomes, mas como a oração completiva tem essa característica de algo nominalizado, isso é totalmente aceitável. Assim, nos exemplos 40 e 42, como o sujeito da oração principal coincide com o sujeito da oração completiva, V₂ incorpora o objeto oracional e assume a segunda posição na sequência, fazendo com que o complexo formado pelos dois verbos se comporte da mesma maneira que um verbo simples.

O verbo *pãw* 'acabar, terminar', por sua vez, é um verbo intransitivo e não seleciona argumento, mas estende sua semântica de aspecto completivo a V₁, funcionando como um modificador de V₂, como pode ser observado no exemplo 43.

(Praça, 2007, p. 114, nossa análise)

- | | | | |
|------|---------------------------------------|------------------------------|--|
| | A | $\overset{A}{V}$ | |
| (43) | <i>ie-∅</i> | <i>ã-xãok-pãw-exĩ</i> | |
| | 1SG-RFR | 1SG.SA-banhar-terminar-PROSP | |
| | 'Estou prestes a terminar de banhar.' | | |

⁹ No original: "Noun incorporation is a construction in which an argument of a transitive clause becomes 'attached to' or 'incorporated into' the verb. Incorporation exhibits all the characteristics of compounding, namely: (1) a stress pattern characteristic of words rather than phrases, (2) possibly unusual word order, (3) morphophonemic patterns characteristic of words rather than phrases, (4) possibly special morphology, and (5) meanings that are more specific than the meanings of the individual parts. Object incorporation is more common than other types of noun incorporation in the world's languages".

'Terminar de banhar', nesse caso, traduz que a ação será realizada por completo, incluindo todas as partes do processo, o que se opõe a uma situação em que a pessoa estaria banhada apenas parcialmente. V_2 adquire um caráter adverbial, e é função primordial do advérbio ser modificador do verbo.

Com o verbo *kãto* 'ser bonito, ser bom' ocorre o mesmo, como pode ser observado no exemplo 44.

(Praça, 2007, p. 120, nossa análise)

- (44) *eiri-ø a-ke-kãto*
 Eiri-RFR 3.SA-dormir-ser.bom
 'Eiri dorme bem.'

No exemplo 44, é possível notar que o segundo verbo da sequência PESSOA- V_1 - V_2 funciona como um modificador verbal, com uma conotação apreciativa para o primeiro verbo (V_1), pois a semântica oracional é a de que o ato de dormir de Eiri é aprazível.

Sintaticamente, segundo Castilho (2014, p. 543), "os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo". Em termos semânticos, são "operadores que transferem para seu escopo propriedades semânticas de que elas não dispunham" e compreendem três classes: predicativos, dêiticos e de verificação (Castilho, 2014, p. 551). Deste modo, *pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom', funcionando como modificadores de V_1 , mesmo sendo verbos, têm valor adverbial.

Conforme Castilho (2014, p. 558):

A predicação qualificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificando ou confirmando sua intensão, isto é, suas propriedades específicas, seus traços semânticos. . . . Os advérbios predicativos qualificadores, portanto, tomam outros predicadores por escopo, predicando adjetivos, verbos e os próprios advérbios.

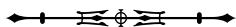
Acontece que tanto o verbo *pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom' em posição V_2 adicionam a V_1 traços semânticos de que este não dispunha anteriormente: *pãw* 'acabar, terminar' agrega o aspecto completivo, *kãto* 'ser bonito, ser bom', a semântica apreciativa. Em outros termos, os verbos *pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom' apresentam propriedades adjetivais, o que os torna qualificadores propriamente ditos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises apresentadas, observa-se que as sequências verbais da língua Apyãwa que se apresentam sob a estrutura PESSOA- V_1 - V_2 ora aproximam-se ora distanciam-se de propostas que as classifiquem como verbos seriais ou verbos auxiliares. Por isso, aqui é sugerida esta outra análise. Com os verbos transitivos *kwããw* 'saber, conhecer' e *patãr* 'querer, desejar', ocorre a incorporação do objeto oracional relativo a V_1 por V_2 . Os verbos intransitivos, *pãw* 'acabar, terminar' e *kãto* 'ser bonito, ser bom', por sua vez, adquirem a função de modificadores de V_1 .

Essa nova análise destaca que a motivação para o aparecimento da sequência sob a estrutura PESSOA- V_1 - V_2 é a coincidência dos sujeitos das duas orações e que, apesar da estrutura semelhante (PESSOA- V_1 - V_2) para V_1 transitivo e V_1 intransitivo, tal fato não implica a construção-fonte de ambos ser a mesma.

Espera-se que a abordagem aqui apresentada forneça subsídios importantes para futuros estudos morfossintáticos da língua.



ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	N.CIR	nominalização de circunstância
2	segunda pessoa	N.PRED	nominalização de predicado
3	terceira pessoa	N.PROC	nominalização de instrumento, processo, local
A	argumento mais agente	NA	série não ativa
C	série correferencial	NEG	negação
C.I.COM	conteúdo informacional compartilhado	OSSD	oração subordinada de sujeito distinto
CC	causativo comitativo	OSSI	oração subordinada de sujeito idêntico
CONS	consecutiva	P	argumento mais paciente
D.E	demonstrativo espacial	PAS.REC	passado recente
DEM	demonstrativo	PAS.REM	passado remoto atestado
EXC	plural exclusivo	PERF	aspecto perfeito
F.IMI	futuro iminente	PL	plural
FOC	foco assertivo	POS	posposição
GRUP	grupo	PROSP	aspecto prospectivo
HAB	aspecto habitual	R	relacional
IMI	aspecto iminentivo	REDUP	reduplicação
IMP	imperativo	RFR	referenciante
INTNS	intensificador	SA	série ativa
INC	inclusiva	S.P.N.AT	subordinador de predicado não ativo
LOC	locativo	SG	singular
MASD	mantenedor de agentividade do sujeito demovido	V	verbo
N.ASS	conteúdo informado não assumido pelo falante		

REFERÊNCIAS

- Aikhenvald, A. Y. (2006). Serial verbs constructions in typological perspective. In A. Y. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (Eds.), *Serial verbs constructions: a cross-linguistic typology* (pp. 1-68). Oxford University Press.
- Aikhenvald, A. Y. (2011). Multi-verb constructions: setting the scene. In A. Y. Aikhenvald, P. C. Muysken & J. Birchall (Eds.), *Multi-verb constructions: a view from the Americas* (pp. 1-26). Brill. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004194526.i-313.8>
- Almeida, A., Jesus, I., & Paula, L. G. (1983). *A língua Tapirapé: esboço de uma linguagem*. Xerox do Brasil.
- Anderson, G. D. (2006). *Auxiliary verbs constructions*. Oxford University Press.
- Barbosa, P. A. L. (1956). *Curso de Tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Livraria São José.
- Câmara Jr., J. M. (2009). *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa* (27. ed.). Vozes.
- Castilho, A. T. (2014). *Nova gramática do português brasileiro*. Contexto.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge University Press.
- Cruz, A. (2011). *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. LOT.
- Dixon, R. M. W. (2010). *Basic linguistic theory* (2. v.). Oxford University Press.



- Dooley, R. A. (1991). A double-verb construction in Mbyá Guaraní. *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics*, 35, 31-66. <http://www.etnolingua.org/artigo:dooley-1991>
- Drude, S. (2011). "Derivational verbs" and other multi-verb constructions in Awetí and Tupí-Guaraní. In A. Y. Aikhenvald, P. C. Muysken & J. Birchall (Eds.), *Multi-verb constructions: a view from the Americas* (pp. 213-254). Brill.
- Estigarribia, B. (2020). *A grammar of Paraguayan Guarani*. UCL Press.
- Givón, T. (1991). Serial verbs and the mental reality of "event": grammatical vs. cognitive packaging. In E. C. Traugott & B. Heine (Eds.), *Approaches to grammaticalization* (pp. 81-128). John Benjamins Publishing Company.
- Givón, T. (2001). *Syntax: an introduction II* (2 v.). John Benjamins.
- Gonçalves, S. C. L., Lima-Hernandes, M. C., & Casseb-Galvão, V. C. (Eds.). (2007). *Introdução à gramaticalização*. Parábola Editorial.
- Haspelmath, M. (2016). The serial verb construction: comparative concept and cross-linguistic generalizations. *Language and Linguistics*, 17(3), 291-319. <https://doi.org/10.1177/2397002215626895>
- Haspelmath, M., & Sims, A. D. (2010). Understanding morphology. In B. Comrie & G. Corbett (Eds.), *Understand language series* (pp. 1-357). Hodder Education.
- Heine, B., & Kuteva, T. (2004). World lexicon of grammaticalization. *Studies in Second Language Acquisition*, 26(3), 502-503. <https://doi.org/10.1017/s0272263104253062>
- Hengeveld, K. (2000). State-of-affairs concepts. In G. Booij, C. Lehmann, J. Mugdan & S. Skopeteas (Eds.), *Morphology: an international handbook on inflection and word-formation* (Vol. 2, pp. 1104-1110). Walter de Gruyter.
- Jensen, C. (1990). Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages. In D. L. Payne (Ed.), *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages* (pp. 117-158). University of Texas Press.
- Lehmann, C. (2002). *Thoughts on grammaticalization*. University of Erfurt.
- Magalhães, M. M. S. (2021). Elaboração e compressão de sentenças complexas em Guajá. *Revista Moara*, (58), 27-58. <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i58.10849>
- Paula, E. D. (2012). *Eventos de fala entre os Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da Etnossintaxe: singularidades em textos orais e escritos* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. <http://www.etnolingua.org/tese:paula-2012>
- Payne, T. E. (2006). *Exploring language structure: a student's guide*. Cambridge University Press.
- Praça, W. N. (2007). *Morfossintaxe da língua tapirapé* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6626?locale=en>
- Rodrigues, A. D. (1964). A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12(1-2), 99-104. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1964.110739>
- Rodrigues, A. D. (2013). Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 3(1), 31-44. <https://doi.org/10.26512/rbla.v3i1.16233>
- Rose, F. (2009). The origin of serialization: the case of Emerillon. *Studies in Language*, 33(3), 644-684. <https://doi.org/10.1075/sl.33.3.05ros>
- Velázquez-Castillo, M. (2004). Serial verb constructions in Paraguayan Guarani. *International Journal of American Linguistics*, 70(2), 187-214. <http://dx.doi.org/10.1086/424554>
- Velupillai, V. (2012). *An introduction to linguistic typology* (2. ed.). John Benjamins Publishing Company.
- Vieira, M. D., & Baranger, E. (2021). Object sharing in Mbya Guarani: a case of asymmetrical verbal serialization? *Languages*, 6(1), 45. <https://doi.org/10.3390/languages6010045>